

## **Memórias do cárcere: a exploração do literato e sua luta com a palavra**

Marcio Fonseca Pereira – Doutorando em Teoria Literária

**Resumo:** Este artigo apresenta uma breve análise do modo como Graciliano Ramos representou, na autobiografia *Memórias do cárcere* (1953), sua condição de intelectual e, por extensão, a de parte significativa dos escritores brasileiros da década de 30. O alcance de sua visão, contudo, extrapola o contexto histórico tratado na obra, uma vez que a figura do escritor, sendo apresentada como submetida à lógica da exploração capitalista, determina o interesse das *Memórias* até os dias atuais.

**Palavras-chave:** intelectual, verossimilhança

### **Introdução**

Ao longo de décadas as *Memórias do cárcere* têm sido lidas pela maior parte da crítica, com todo o mérito, como uma obra corajosa na qual Graciliano Ramos – consciente das limitações de sua própria visão de mundo e de seus preconceitos – põe de lado qualquer vaidade, realizando com grande sentido artístico o testemunho de uma época de arbítrio e resgatando a humanidade de indivíduos aviltados e muitas vezes esquecidos.

Nessa linha ressalta-se a elevada qualidade literária do relato, atingida por meio da construção que equilibra traços ficcionais com a apreensão sutil, frequentemente questionadora dos eventos tanto fora como dentro da sofrida realidade prisional. Para Antonio Candido, essa capacidade do escritor em atribuir amplitude significativa aos acontecimentos observados no cárcere seria uma espécie de visão invertida da relação entre os mundos exterior e interior. Enquanto no romance prevaleceria a visão do “mundo enquanto prisão”, nas *Memórias* o escritor faria valer a ideia de “prisão enquanto mundo”<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Antonio Candido. *Ficção e confissão*. Cf. p.127.

Ainda segundo o crítico, entretanto, do ponto de vista formal a ligação entre o romance e a autobiografia revela importantes traços de continuidade. Para ele, toda a obra do escritor alagoano estaria marcada por duas componentes: “uma de lucidez e equilíbrio, outra de desordenados impulsos interiores”<sup>2</sup>. As *Memórias* estariam inseridas nessa dualidade na medida em que nelas se alterna a narrativa seca e as visões de “desordem e degradação”, revelando o ato da escrita não apenas como testemunho da história, mas também como meio efetivo de sobrevivência e de tentativa de organização do caos que reflete as dificuldades crescentes enfrentadas pelo escritor naquele mundo subterrâneo.

Não obstante o acerto da posição do crítico, com o distanciamento histórico dos eventos ocorridos às vésperas do Estado Novo faz-se necessária uma releitura que contemple na *forma* a crítica dos posicionamentos políticos de Graciliano Ramos enquanto intelectual, pois uma leitura atenta das *Memórias* revela contradições em sua visão da realidade, a qual reflete em certa medida a condição do escritor enquanto indivíduo explorado pela lógica capitalista. Ademais, o fato de o próprio escritor constantemente investigar as possibilidades de sua literatura, em especial no aspecto da verossimilhança, propicia um bom campo de observação de suas contradições estético-políticas.

Essa possibilidade de análise se abre a partir do próprio modo como o texto é construído. A preocupação de Graciliano em não se prender a um ponto de vista extremamente centrado numa suposta subjetividade isolada afasta as *Memórias* da ortodoxia autobiográfica e se revela como um dos aspectos formais de maior interesse da obra. A narrativa da relação do escritor com os presos das diversas classes sociais, frequentemente envolvendo um autoexame de sua condição de literato, nos fornece uma ampla gama de matizes intelectuais e emocionais, figurando, desse modo, uma riqueza que ultrapassa em muito o âmbito da realidade restrita ao cotidiano da prisão.

### **A escrita e a tatuagem**

Graciliano, ao construir as *Memórias* narrando sua “descida” a subterrâneos cada vez mais inóspitos, trata de estabelecer a relação entre fatos e indivíduos e sua condição

---

<sup>2</sup> Idem. Cf, p.83.

de escritor, a qual aparece frequentemente sob uma apreciação tensa que reflete sua posição social em falso bem como as implicações desse fato em seu trabalho simbólico.

Assim que Graciliano chega ao Rio de Janeiro a bordo do navio Manaus é encaminhado ao presídio da Frei Caneca. Ao narrar o processo de triagem dos presos percebemos uma das técnicas importantes de composição do relato, por meio da qual o escritor busca nas figuras descritas características de sua própria personalidade e de sua existência, compondo, em última análise, uma espécie de representação mediada de sua condição de literato.

Na secretaria, após ser fichado o escritor se dirige ao balcão da rouparia onde fazem uma seleção dos objetos permitidos a entrar nas celas em posse dos presos. Aparentemente sem razão, como muitas das coisas que acontecem no cárcere, inicia-se um mal-estar no Graciliano-personagem que está inconscientemente relacionado com a ameaça da perda de sua faculdade da escrita, uma das principais preocupações que o escritor, de um modo explícito ou não, explora ao longo das *Memórias*. Do episódio fixou-se em sua mente a visão da tatuagem de um dos presos que ajudava no serviço da rouparia:

Apesar do cansaço, não me era possível ficar imóvel. Uma coisa me chamava a atenção, era talvez ela que me fazia andar para aqui, para ali, a vista fixa, armando suposições. O empregado responsável por aquele serviço tinha como ajudante um moço franzino, risonho, amável, falador, metido em vestimenta clara, de listas verticais, meio invisíveis, a farpela dos encarcerados. Provavelmente a cor desmaiara à força de lavagens, de ácidos, e o fato ignominioso tinha aparência vulgar, escapar-me-ia se o antebraço do rapaz não viesse despertar-me o interesse. Aí se percebia, tatuado, um esqueleto, ruína de esqueleto: crânio, costelas, braços, espinha; medonha cicatriz, no pulso, havia comido a parte inferior da carcaça. Desejando livrar-se do estigma, o pobre causticara inutilmente a pele; sofrera dores horríveis e apenas eliminara pedaços da lúgubre figura. Não conseguiria iludir-se, voltar a ser pessoa comum. Os restos da infame tatuagem, a marca da ferida, iriam persegui-lo sempre; a fatiota desbotada conservava o sinal da tinta. Era-me impossível desviar os olhos da representação fúnebre (RAMOS, 2008, p.177).

As marcas que o preso carrega são em grande medida as do próprio escritor, que no episódio com o Capitão Lobo (oficial com quem travara conhecimento em sua primeira prisão em Recife) já prenuncia a impossibilidade da narrativa de estranhos eventos segundo suas crenças anteriores à prisão. Aqui o escritor anuncia o futuro não

só de sua condição enquanto vivente do cárcere, mas também de sua atuação como literato (“Os restos da infame tatuagem, a marca da ferida, iriam persegui-lo sempre; a fatiota desbotada conservava o sinal da tinta. Era-me impossível desviar os olhos da representação fúnebre.”), que estará definitivamente marcada pela dura experiência prisional.

No dia seguinte, Graciliano volta ao mesmo local e reencontra o rapaz da tatuagem, com o qual trava um diálogo interessante, cuja análise revela aspectos importantes da condição estigmatizada do escritor alagoano. A capacidade de observação do roupeiro é o principal aspecto a impressionar o escritor:

- O senhor estava muito nervoso ontem.

A afirmação e a data me surpreenderam. Ontem? Parecia-me reconhecer o moço risonho, mas achava absurdo havê-lo encontrado no dia anterior. Arrepiei-me vendo-lhe a cicatriz do pulso, a horrível tatuagem meio descomposta. Bem, estavam ali os pedaços do esqueleto, o homem delicado que surgira na véspera, sem dúvida.

- Por que diz isso? estranhei. Fiz algum disparate?

- Não. O senhor fingia calma, falava, ria, pilheriava com os seus amigos. Notei a agitação porque mexeu na valise mais de vinte vezes. Não achava lugar para ela.

Admirado, felicitei o astuto observador. Nenhuma consciência daqueles movimentos houvera em mim. Julgava-me tranqüilo explicando-me ao funcionário a respeito do frasco de iodo. E o guarda me supusera à vontade, em casa, afeito à cadeia. Todos se enganavam, só a criatura estigmatizada me via por dentro; o hábito de examinar minúcias, em permanência longa na prisão, certamente lhe desenvolvera a sagacidade (RAMOS, 2008, p.186).

O escritor felicita o rapaz por possuir características que são também suas, apesar de o choque com a nova realidade as comprometerem naquele momento: a capacidade de observação e o apego às minúcias (“São as minúcias que me prendem, fixo-me nelas, utilizo insignificâncias na demorada construção de minhas histórias”, p.212). Portanto, em certa medida há um elogio indireto ao trabalho contínuo de perscrutação próprio ao escritor, algo análogo ao que o jovem desenvolvera ao longo de sua vida na prisão. Por outro lado esta capacidade está incondicionalmente ligada ao estigma. Se o jovem tem sua tatuagem e sua blusa “infamante” com listas “quase invisíveis” (p.186), o escritor também carrega seus estigmas psicológicos (de infância) e sociais (da condição socioeconômica instável, própria de um membro oriundo de uma família de proprietários decadentes) – dos quais se lamenta ora de modo indireto, ora

mais aberto ao longo das *Memórias* – são aqui sutilmente recuperados, talvez até de modo inconsciente, quando diz que “todos se enganavam, só a criatura estigmatizada” o via por dentro, o que nos dá a entender que um homem estigmatizado é quem melhor compreende outro na mesma condição. Com isso, o escritor mostra um posicionamento artístico e político diante de sua atividade, pois ao mesmo que defende a atitude daquele que cuida das minúcias, tomando-se em alguma medida como paradigma literário, volta-se contra a condição social mais comum daquele que se dedica ao trabalho simbólico.

Em outras passagens, contudo, esses aspectos tratados aqui de forma menos evidente aparecem mais claramente quando Graciliano procura nos mostrar as condições materiais que influenciam o ofício de escritor. Tendo vivido em dificuldade financeira, sendo obrigado a escrever artigos e contos para jornais e revistas ao longo de sua vida como ganha-pão, o escritor revela a exploração do trabalho intelectual, visto pelo senso comum de forma amenizada, como elevação do espírito. O trecho abaixo, ao tratar do comportamento do capitalista, se inscreve em analogia à atitude do General Newton Cavalcanti, que desejava fuzilar Graciliano, mas naturalmente não poderia se comportar como um bruto, “animalmente, honestamente” (p.92). De modo perspicaz, a propósito do texto que o leitor tem em mãos, o escritor diz o seguinte:

Se o capitalista fosse um bruto, eu o toleraria. Aflige-me é perceber nele uma inteligência, uma inteligência safada que aluga outras inteligências canalhas. Esforço-me por alinhavar esta prosa lenta, sairá daí um lucro, embora escasso – e este lucro fortalecerá pessoas que tentam oprimir-me. É o que me atormenta. Não é o fato de ser oprimido: é saber que a opressão se erigiu em sistema (RAMOS, 2008, p.92).

Fica claro aqui o desconforto do escritor diante de sua condição subalterna. Precisa vender sua prosa suada que dará lucro a um capitalista. Não deixa também de ser impiedoso consigo mesmo, pois ao mesmo tempo sabe que está “alugando” sua inteligência. Embora saiba que o conteúdo de sua prosa tem grande valor artístico e moral (o que o leitor também perceberá), não suporta fazer parte de uma engrenagem política e ideológica que tudo engloba e sai sempre beneficiada com o esforço alheio. Nesse sentido deixa clara a contradição daquele que tem brio e, no entanto, sobrevive do produto de sua pena.

Já no Pavilhão dos Primários, a notícia do renovado interesse de José Olympio pela edição do romance *Angústia* (para a qual oferecia um adiantamento) é recebida com um sentimento que vai da incerteza à vaga esperança. A necessidade de obter dinheiro estando no cárcere, visto que as economias trazidas de Maceió se esgotavam, entra em choque com a impossibilidade de se produzir literatura de qualidade naquele ambiente. O episódio dá ensejo para que o tema do trabalho intelectual retorne com um viés que acentua seu caráter mercantil.

Partindo sempre da autocrítica que faz à própria literatura, Graciliano recorda a apreensão pela impossibilidade de ter acesso aos originais do romance, passíveis de inúmeras modificações:

Em vez de me alegrar, experimentei com essa proposta vivo embaraço... não me achava disposto a contrair dívidas. Não conseguiria desembaraçar-me delas, inerte, bambo, a invencível preguiça mental a dominar-me. Era o livro difícil, mais de um mês a capengar do quartel do Recife ao chiqueiro do Manaus, daí à Casa de Detenção, que deveria negociar, caso me fosse possível dedicar-me a ele. A publicação do romance me parecia leviandade. Havia nele muito defeito, eram precisos cortes e emendas sem conta. Sem falar em mutilações e enganos infalíveis, cometidos pela datilógrafa. Indispensável, examinar, rever tudo, comparar o original à cópia. Eu nem sabia onde paravam essas coisas enterradas em algum buraco de Alagoas; talvez já nem existissem: uma denúncia anônima as teria revelado, jogado ao fogo (RAMOS, 2008, p.247-248).

Diante dessas questões de caráter mais literário sobressaem, entretanto, aquelas ligadas ao valor comercial, onde novamente vemos o escritor às voltas com sua condição subalterna de literato, diante da força econômica dos que veem seu trabalho como mercadoria:

Se o livro se salvasse, ocupar-me-ia mais tarde em corrigi-lo, sobretudo amputar-lhe numerosas excrescências. *Antes disso, consideravam-no objeto de comércio*, desejavam transformá-lo em dinheiro. *Recruta literário da província*, acostumara-me a buscar nele algum valor artístico, embora fraco; economicamente seria um desastre, como os anteriores, dois naufrágios (RAMOS, 2008, p.248, grifos nossos).

A função que o literato (de província ou não) ocupa dentro do trabalho de dominação fica exposta pela própria condição de quem muitas vezes não compreende (ou não quer compreender) seu papel ideológico de colaborador do poder e fica apenas procurando em seus escritos “algum valor artístico”. Evidentemente o escritor não

estava errado ao reconhecer a qualidade literária de *Angústia* (que é enorme, diga-se de passagem). Entretanto, o importante na passagem é a visão crítica sobre a condição do literato de província que, no caso do romance, é representada pela figura dúbia do protagonista Luís da Silva. Como sabemos, este abomina o fato de ser explorado ao escrever artigos sob encomenda, mas admira certas atitudes e convenções burguesas (inclusive no seu “rival” Julião Tavares). Desse modo, o termo *recruta literário* traz consigo uma clara notação pejorativa, aproximando em alguma medida o escritor de sua criação, num instante de evidente autocrítica.

A narrativa do momento imediatamente seguinte já mostra o personagem imerso em pensamentos sobre um suposto valor comercial dos papéis da prisão, fato revelador do quanto, afinal de contas, a questão mercantil acaba assumindo, não para o presente, a primazia em meio a outros aspectos, os quais, no entanto, não são suprimidos:

Súbito me fortaleci um pouco, senti-me dono de uma possível mercadoria, descoberta pelo comprador. Meses atrás José Olympio me falara da edição, em cartas, e eu lhe respondera que ele não venderia cem exemplares. Admirava-me a insistência, em momento de perseguição, quando o aparecimento da história poderia causar prejuízos e aborrecimentos ao livreiro. No íntimo agradei essas boas intenções, embora as julgasse irrealizáveis, pelo menos por enquanto, na dura incomunicabilidade. Entrei, porém, a verrumar o espírito curioso. Se os papéis escapassem à tormenta, quanto valeriam? Qual seria a tiragem? Uma ligeira brecha clara abria-se no horizonte nebuloso, as desgraças futuras, consideradas certas, diluíam-se um pouco. Embalava-me em frágeis e duvidosas esperanças... (RAMOS, 2008, p.248).

O escritor desmistifica a condição de literato ao mostrar-se atraído por uma venda do livro das memórias alavancada por um suposto interesse “não-artístico”, talvez até do grande público. Vemos que o escritor em nenhum momento procura colocar a prisão como desculpa para seus pensamentos mercantis. Até porque seu interesse se concentrava efetivamente num futuro incerto, para o qual temia o esvanecimento de suas forças psíquicas e intelectuais, visto não saber até que ponto a experiência do cárcere seria danosa à sua atividade profissional (“Quando nos abrirem as portas, chegaremos à rua machucados, bambos, secos, acharemos a vida amarga, cansar-nos-emos facilmente, qualquer esforço nos parecerá vão.”, p.249).

O modo como o escritor representa a questão do estigma aparece, portanto, em toda sua amplitude. Ao se voltar tanto para o passado quanto para o futuro, Graciliano

traz a condição inelutável do intelectual que está sempre na corda bamba, entre a necessidade de sobrevivência e a preservação da dignidade de sua atuação literária. Ao revelar a própria fragilidade diante de circunstâncias sobre as quais não tem controle, o escritor mostra a limitação daquele que se dedica ao trabalho simbólico diante dos homens e das instituições que detêm o poder político e econômico.

### **Os problemas da verossimilhança**

Ao longo das *Memórias*, ao agravamento das condições de sobrevivência – tanto do próprio personagem como dos demais companheiros – corresponde uma preocupação crescente do escritor com a realização da narrativa, aspecto que o levará a incluir uma discussão sobre o fazer literário, na qual as incertezas do personagem encontrarão muitas das vezes analogia com a insegurança do escritor para levar a cabo sua tarefa.

Das dificuldades mencionadas, já nas primeiras páginas, a propósito da decisão de empreender a escrita das *Memórias* (receio de cometer injustiças com os companheiros de prisão, dúvidas quanto à própria capacidade de levar à frente tarefa tão difícil etc.) o escritor passa à discussão sobre os recursos literários necessários à execução da autobiografia. A realidade constantemente surpreendente do cárcere – sempre a dificultar as tentativas de adaptação do personagem e capaz de intrigar o escritor mesmo após decorridos cerca de dez anos – pôs Graciliano diante de um claro problema, visto não estar interessado em transformar sua experiência em obra de ficção.

Essa problemática literária, vislumbrada ao longo de toda a obra, assume um caráter mais crítico a partir da narrativa dos eventos que antecederam a ida de Graciliano para a Colônia Correccional. O relato sobre as primeiras listas de transferência mostra a preocupação do escritor em revelar suas expectativas pequeno-burguesas, mais à frente desmentidas, o que abrirá caminho para a obsessão sobre o modo justo de elaboração da matéria literária. O trecho a seguir narra o momento em

que Francisco Chermont – estudante de direito e filho do senador Abel Chermont, crítico dos desmandos da ditadura estadonovista que já se anunciava – aparece na temida lista:

-A lista, a lista.

Por toda a parte essa palavra foi cochichada num momento, sem percebermos direito a significação dela. Não sabíamos donde tinha partido, víamos rostos apreensivos e ficávamos suspensos, sem buscar informar-nos [...]

A princípio não atinei com o motivo daquela chamada improvisada; notei depois movimento nas células, homens atarantados a preparar bagagens.

[...]

-Vão mandá-los para a Colônia Correccional, segredou-me alguém

[...]

-Francisco Chermont, leu claramente o sujeito da lista

Bem. A conjectura desgraçada esmoreceu e desvaneceu-se: não iriam meter entre vagabundos e malandros aquele moço inofensivo, alheio à política, membro da classe dominante (RAMOS, 2008, p.307).

A inocência do personagem ao imaginar que indivíduos de classe social mais elevada não seriam gravemente maltratados ou transferidos para a Ilha Grande, ao ser contrastada com a dureza das revelações posteriores, será um fator primordial para aprofundar o sentido político da experiência literária na medida em que procurará levar o leitor a um processo de descobertas impactantes análogo ao do personagem. Contudo, essa tentativa de recriar literariamente as surpresas não se esgota em si, ou seja, não tem o intuito de “paralisar” o leitor na inconsciência, mas sim de deslocá-lo de sua mesmice cotidiana. Essa proposta, ao se calcar nas questões de verossimilhança, inverte as noções mais ou menos seguras sobre o que é a realidade, fazendo emergir o que está abaixo da superfície dos acontecimentos.

Ao recontar o relato de Francisco Chermont sobre o porão do Campos, navio que o levava até a Colônia da Ilha Grande, Graciliano narra com o peso de quem parece duvidar daquela realidade, o que de certo modo o aproxima da condição do leitor, que poderia também suspeitar de certos episódios narrados a partir da experiência direta do escritor. A condenação de um suposto delator no Campos ilustra bem essa problemática ao trazer para o primeiro plano a questão da escrita. Nesse sentido, a representação da figura de Moleque Quatro, *bandido que incorpora a lei* naquela realidade subterrânea, é o ponto central do relato:

No movimento e na balbúrdia realizou-se um processo. Moleque Quatro nomeara alguns assessores: mantinham, com ameaças e rasteiras, a ordem singular das cloacas humanas e, em caso de necessidade, incorporavam-se em tribunal ... O descoberto aquela noite veio trêmulo e mudo, com duras contas a agravar-se... Ouvidas as culpas, Moleque Quatro refletiu, coçou a carapinha e decidiu:

-Vai morrer.

Causava assombro a idéia de que fosse possível realizar-se ali, perto de homens fardados e armados, uma execução... A gente da superfície [a minoria de presos políticos] via a máquina subterrânea a funcionar – e arrepiava-se. *Imaginara a existência dela, uma existência vaga, apanhada em jornais e livros. A realidade não tinha verossimilhança.* Estava, porém, a entrar pelos olhos e pelos ouvidos (RAMOS, 2008, p.314-315, grifo nosso).

Aqui o escritor traz à tona a ideia de quão distantes do conhecimento dos fatos podem estar os “políticos livres” que, por intermédio dos meios escritos – teóricos e limitados – imaginam uma realidade frequentemente discrepante da verdade dos acontecimentos. Com isso, Graciliano alude, por inversão, ao trabalho daquele que escreve: se a verdade não tem verossimilhança, como representá-la de maneira adequada? A sequência da narrativa parece ensaiar uma resposta para a pergunta:

Mãos a torcer-se no desespero e o rogo choroso:

-Tenha pena de meus filhos, seu Quatro.

Esboçou-se uma horrível piedade na cara do negro. E veio comutação da pena:

-Está bem. Não vai morrer. Vai sofrer trinta enrabações.

*É medonho escrever isso, ofender pudicícias visuais, mas realmente não acho meio de transmitir com decência a terrível passagem do relatório de Chermont* (RAMOS, 2008, p.315, grifo nosso).

Para o escritor não há como fugir à dureza do relato, sob pena de “trair” de algum modo a narrativa original, aspecto que aponta para o compromisso implicitamente assumido com quem presenciou a terrível realidade. Portanto, amenizar ou ficcionalizar a passagem seria considerado mais “indecente” do que “ofender pudicícias visuais”. A autobiografia nesse caso permite e obriga o escritor a superar certas restrições, criando, por assim dizer, uma ética dolorosa e confirmando a já mencionada definição de Antonio Candido de que para Graciliano “a verdade é a sua verdade” (FC, p.91).

A impressão que o relato de Francisco Chermont causa no escritor leva-o a projetar seus sentimentos nos demais companheiros e, posteriormente, a questionar

certas conclusões. A ideia de desânimo generalizado acaba se tornando mais um motivo para conduzir adiante o debate sobre o fazer literário:

O abafamento. Essa palavra circulou, batizando a morrinha coletiva – e pensei no banzo dos negros, no mal triste do gado. Era um nome apenas, mas com ele nos vinha um começo de explicação. A história desgraçada nos contaminava. Abafamento. Não me haviam falado nisso, a moléstia me pegava de surpresa. Conhecia-lhe, os primeiros efeitos, via de longe viventes combalidos tentando livrar-se do singular enjôo. Lembrei-me do porão do Manaus, das trouxas vivas a arfar, a vomitar na porcaria extrema. Não me abatera: uma semana de jejum me deixara lúcido, a mover-me aos solavancos entre as redes oscilantes, a redigir notas a lápis no camarote do padeiro. Agora não me seria possível andar ou escrever (RAMOS, 2008, p.321).

O princípio de solução literária anteriormente sugerido, válido para o momento da escrita, aqui ainda não se esboçava, ficando apenas a representação de um início de crise produtiva. O impacto causado pelo relato de Francisco Chermont chegará a fazê-lo duvidar de sua capacidade de compreensão da vida nos subterrâneos do cárcere – ainda que lá também vivesse – o que evoluirá dramaticamente a uma autocrítica de suas habilidades como romancista:

Torturavam-me aqueles fatos imprevistos e inverossímeis. Ou não seriam eles que me torturavam: era talvez o reconhecimento da minha insuficiência mental, da incapacidade manifesta de enxergar um pouco além da rotina. Acomodava-me a ambientes novos – e quando neles surgia uma brecha, alarmava-me. Articuladas as peças da narrativa, via-me forçado a achá-la natural. Por que não fizera isso antes, não admitira sem auxílio os casos vergonhosos e medonhos?...Notava a deficiência e perguntava como diabo me atrevia a fazer obra de ficção. Nada me interessava fora dos acontecimentos observados. Insignificâncias do ramerrão. Umas se reduziam, quase se anulavam, outras avultavam, miudezas ampliadas (RAMOS, 2008, p.322).

Nesse momento, a avaliação do escritor ignora o rebaixamento das condições mentais imposto na prisão, aspecto ao qual faz alusão frequente, inclusive para justificar o comportamento de alguns companheiros “políticos”. Com isso, impõe a si mesmo (e ao ficcionista em geral) uma dura exigência de distanciamento crítico que, descontado o excesso de racionalismo, ressalta a importância do escritor como elemento ativo no processo político.

De fato, a exigência imposta ao escritor se torna ainda mais clara por meio da comparação do trecho acima com a passagem imediatamente anterior, que deixa em

relevo a distinção entre o trabalho literário e o jornalístico, reiteradamente criticado ao longo das *Memórias* como superficial e falsificador da realidade:

Na verdade a morte do vagabundo não me preocuparia. Com frequência, eles por aí se acabam, em rolos sangrentos. Os jornais tentam comover-nos espichando brigas, e viramos a folha impassíveis. As facadas e os tiros não nos abalam. Mas o acessório brutal, as formalidades esquisitas, as frases absurdas e insubstituíveis desarrumavam-me conceitos mais ou menos estabelecidos. Isso e a troca infame de pena (RAMOS, 2008, p.322).

Do contraste estabelecido surge a ideia de que a representação justa (a narrativa) da realidade “absurda” pode ser muito mais esclarecedora que a informação, uma vez que pode ajudar a superar as limitadas visões impostas pela “rotina” e reforçadas pelo jornal. Consciente dessa disputa pela interpretação da realidade e receoso da própria capacidade de avaliação dos eventos e dos relatos, bem como de levar adiante o trabalho de construir com eles a sua narrativa, Graciliano aprofunda sua resposta à pergunta sobre o melhor modo de fazê-lo. Assim, diante dos fatos outrora inimagináveis o escritor reflete:

Restava saber se era exequível uma aparência de realidade isenta da matéria que nos cai debaixo dos sentidos. Essa questão me perseguia, muitas vezes me desviava do trabalho maçador, das conversas ociosas na Praça Vermelha. Conseguiria um sujeito livre, em casa, diante de uma folha de papel, adivinhar como nos comportávamos entre aquelas paredes escuras? Tipos iguais a mim seriam incapazes disso. Não se tratava, porém, da minha incapacidade; outros dispensariam exames e sondagens, criariam mentiras de vulto, superiores ao que me caía na pena, mentiras também, povoadas de minúcias rigorosas.

-Seu Quatro, pelo amor de Deus, tenha pena de meus filhos.

Meses atrás, se me houvessem repetido esse miserável rogo, exposto as conseqüências dele, afastar-me-ia incrédulo. A existência anormal obrigava-me a considerar verdadeiro o relato singular, a princípio com relutância, depois a dizer comigo mesmo que as coisas não se poderiam passar de maneira diferente (RAMOS, 2008, p.322-323).

O questionamento aqui aponta para o problema do gênero narrativo. O que vemos é o escritor tentando decidir, em última análise, se poderia ficcionalizar o próprio sofrimento e também o alheio, talvez crendo que no romance o inacreditável se tornasse dizível. Para ele, quem não conhece o cárcere poderia, *em princípio*, “povoar” suas histórias de “mentiras” – sendo possível com elas criar “uma aparência de realidade” – porém, quem o experimentou, não. Com isso, reconhece momentaneamente (ainda que

com restrição) a legitimidade de uma estética bem distinta da sua. Anteriormente, ao tratar de temática distinta à da prisão, já o havia feito ao narrar sua transferência de Maceió ao forte das Cinco Pontas no Recife. O escritor recorda os pensamentos que o assaltaram ao olhar para fora do vagão e ver certas habitações ao longo da ferrovia:

Passei o dia a mexer-me do vagão para o restaurante, bebi alguns cálices de conhaque, os últimos que me permitiriam durante longos meses. À noitinha percebi construções negras num terreno alagado. Que seria aquilo?

-Mocambos, informou Tavares.

Bem, os célebres mocambos que José Lins havia descrito em *Moleque Ricardo*. Conheceria José Lins aquela vida? Provavelmente não conhecia. Acusavam-no de ser apenas um memorialista, de não possuir imaginação, e o romance mostrava exatamente o contrário. Que entendia ele de meninos nascidos e criados na lama e na miséria, ele, filho de proprietários? Contudo a narração tinha verossimilhança. Eu seria incapaz de semelhante proeza; só me abalanco a expor a coisa observada e sentida. Tornaria esse amigo a compor outra história assim, desigual, desleixada, mas onde existem passagens admiráveis, duas pelo menos a atingir o ponto culminante da literatura brasileira? (RAMOS, 2008, p.40-41).

A avaliação do romance de José Lins – sem prejuízo da qualidade reconhecida exatamente por seu poder de convencimento – aponta o fato de ser a obra “desigual, desleixada”, ou seja, de nem sempre buscar a verossimilhança a partir do conhecimento seguro da realidade a ser representada. Sabendo que esse é um modo construtivo importante não só para o escritor paraibano, mas também para uma parte significativa da literatura brasileira de seu tempo, Graciliano está sempre se justificando nas *Memórias* com vistas a fazer o leitor atentar para outros modos de escrita. Por meio da experiência vivida, sente a possibilidade de narrar com adequação o relato de Chermont:

O jejum, a sede, a asfixia no porão do Manaus, e uma noite a julgar-me vizinho da loucura, davam-me perfeita idéia do meio estranho. As personagens mencionadas não diferiam muito dos faxinas, do rapaz amável que tinha uma lúgubre tatuagem no antebraço, do rufião da galeria, vaidoso e besta, a descobrir num sorriso fixo, o dente de ouro. Uma voz martelara-me os ouvidos. Se eu tivesse visto a cara do leitor, divisaria nela a sombra de passagens fugidias, inexistentes na exposição. Uma voz apenas – e era o bastante. A violação do garoto, o assassinio involuntário cometido por alguém que desejava permanecer na cadeia aproximavam-me daquele mundo. Os rumores enfraqueciam, em redor, numerosos indivíduos se alquebravam parafusando o relatório. Convencia-me disso, mas nada me provava que o abafamento fosse geral (RAMOS, 2008, p.323, grifo nosso).

Como vemos, o argumento do escritor alagoano vai defendendo cada vez mais uma reconstrução, por assim dizer, “rigorosa”, comprometida com o factual, o que é naturalmente um produto da sua relação com os eventos do cárcere. De qualquer modo, Graciliano permanece receptivo a qualidades literárias capazes de redimensionar a realidade na medida em que preservem traços marcantes, reveladores de uma vida “pulsante” nos ambientes retratados.

A divergência se agrava, porém, quando o escritor, já de volta da Colônia Penal e detido na Casa de Correção, lê *Usina*, recém-lançado por seu amigo paraibano:

Estranhei ver José Lins afastar-se da bagaceira e do canavial, tratados com segurança e vigor em obras anteriores, discorrer agora sobre Fernando de Noronha, onde nunca esteve. Um crítico absurdo o julgara simples memorialista, e o homem se decidia a expor imaginação envolvendo-se em matéria desconhecida. Pessoa de tanta experiência, de tanto exame, largar fatos observados, aventurar-se a narrar coisas de uma prisão distante. O indivíduo livre não entende a nossa vida além das grades, as oscilações do caráter e da inteligência, desespero sem causa aparente, a covardia substituída por atos de coragem doida... Zanguei-me com José Lins. Por que se havia lançado àquilo?... A cadeia não é um brinquedo literário. Obtemos informações lá fora, lemos em excesso, mas os autores que nos guiam não jejuaram, não sufocaram numa tábua suja, meio doidos. Raciocinam bem, tudo certo. Impossível conceber o sofrimento alheio se não sofreremos. O começo do livro de José Lins torturava-me. Quase desejei ver o meu amigo preso (RAMOS, 2008, p.574-575).

O que de certo modo valia para os mocambos não vale para a prisão. Graciliano ressalta, portanto, a condição única do cárcere, onde a possibilidade do comportamento habitual geralmente escapa aos indivíduos, postos em situação-limite. Desse modo, a prisão torna-se tema permitido somente aos que lá estiveram. Ao defender uma posição estética gradativamente mais austera, o escritor tenta de fato mostrar-se à altura do trabalho que assumiu e, por esse motivo, o texto abre espaço para tais posicionamentos sobre literatura, reproduzindo a cada passo a dúvida que para ele é crucial, isto é, como representar uma realidade imprevisível, de modo a não fazer injustiça a todos que com ele sofreram, independentemente de suas classes sociais, credos religiosos ou convicções políticas.

A questão da verossimilhança se apresenta também como problema a ser discutido em sua ligação com o aspecto político-ideológico mais patente. Ao ser transferido da colônia para a Casa de Correção, o escritor é recebido no novo cárcere

pelo diretor da prisão, o Major Nunes. O relato de suas reações diante da atitude do diretor, que procurava tranquilizá-lo, mantendo-o informado sobre parentes e amigos, é uma demonstração da difícil busca pela imparcialidade na observação dos acontecimentos:

-Sua mulher esteve aqui hoje. Vai bem. Eu o esperava desde ontem... Toda a família vai bem. José Leite e Amália vão bem. Sabe que Padre José Leite esteve aqui, procurando visitá-lo nos Primários? Não conseguiu a visita. Vai bem.

-É. Percebi a letra dele num pacote de frutas. Mas como é que o senhor conhece essa gente?

-Ah! Sou de Alagoas, nasci em Pilar. Vamos.

Essa incrível familiaridade perturbava-me. Difícil admitir que um instrumento da polícia, só por ter nascido na minha terra e conhecer parentes de minha mulher, procedesse de tal jeito. Inclina-me a descobrir na linguagem simples do homenzinho sinais de corrupção. Mas corrupção por que, Deus do céu? Estúpido imaginar terem posto ali uma pessoa do Nordeste para engabelar-me (RAMOS, 2008, p.550-551).

Adiante essas primeiras impressões serão cruciais para que Graciliano explicita sua posição diante do leitor, imaginando o problema que a falta de verossimilhança poderia acarretar para a aceitação da narrativa. Nesse sentido, mostra como o oferecimento da sala da carpintaria para que pudesse escrever em silêncio serviu *ainda no cárcere* como base para reflexões sobre as consequências da *futura escrita* sobre o major. Pensando na atitude de um jornalista que segundo o diretor o atacara após sair da prisão, o escritor pesa os prós e contras de se respeitar os fatos nas suas memórias:

Agradei. Boa idéia. Mas despedi-me inquieto. E a inquietação muitas vezes reapareceu no futuro. Ser-me-ia possível, recebendo o favor e os sorrisos, ver com imparcialidade aquela personagem? Se tentasse descrevê-la, talvez propendesse a exagerar-lhe a benevolência. Parecia-me injusta a acusação do jornalista, embora não a tivesse lido. Isso em perturbava, levava-me a buscar refúgio em pensamento oposto, dizer a mim mesmo que um funcionário da polícia nenhum obséquio nos fazia em ser lhano e com certeza mostrava-se generoso para amolecer-nos, comprar-nos. Inclina-me então a escusar a dureza do jornalista. Se exibíssemos ao público as amabilidades imprevistas, acabaríamos por tornar a cadeia um lugar desejável, mostraríamos convívio infeliz com os nossos opressores. Da vaga narrativa que me flutuava no espírito resolvia-me a afastar a bondade suspeita. Reconsiderarei: a falta de sinceridade estragaria sem dúvida a história (RAMOS, 2008, p.570).

Como se vê, a visão política de esquerda fez o escritor concordar a certa altura com o jornalista, pois naquele instante o que prevalecia era a crítica a todo um regime

policialesco, representado na figura do major. No momento seguinte, entretanto, a consciência de seu trabalho autobiográfico, baseada no compromisso com a “sinceridade”, leva-o a se arriscar diante do público leitor, razão pela qual mais uma vez justifica sua atitude literária.

O aspecto político nesse caso fica por conta da percepção do caso singular, permitindo-o escapar a uma falsificação que incidiria em esquerdismo, satisfazendo o gosto político de leitores que viam a obra de arte apenas como meio de denúncia ou panfletarismo. Assim, a representação da crise vivida pelo escritor diante do inesperado comportamento da autoridade, ao preservar o olhar de respeito ao indivíduo, desarticula uma possível visão ortodoxa do leitor, levando-o a perceber traços de dignidade humana onde inicialmente não poderia imaginá-los.

### **Conclusão**

Das passagens analisadas podemos perceber claramente como a reconstrução literária de eventos específicos e condições individuais nas *Memórias* se presta a uma ampliação dos horizontes temáticos da narrativa. Graciliano, com enorme perspicácia, consegue reelaborar cada momento vivido até que este possa se inserir numa esfera mais geral de discussão, cujo nível de generalidade e de interesse está além do estritamente literário.

Colocando suas posições sempre em perspectiva, o escritor evita, assim, nas *Memórias* o caráter unívoco, afirmativo, que as autobiografias mais ortodoxas costumam apresentar. Com isso, mantém-se ligado à sua tradição de romancista, por meio da qual procura representar a realidade em sua complexidade e contradição. O fato de ter conseguido atingir esse objetivo narrando a vida num meio onde a experiência humana se amesquinha apenas confirma o seu talento no ofício de escritor.

### **BIBLIOGRAFIA**

ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Lima. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003.

ANTELO, Raúl. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática: 1984.

ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ARAÚJO, Humberto H.; OLIVEIRA, Irenísia T. (orgs.). *Regionalismo, Modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin, 2010.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos: Coleção Fortuna Crítica*, v.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977.

BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: EdUSP; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A Educação pela Noite*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARONE, Edgard. *A República Nova (1930-1937)*. São Paulo: DIFEL, 1974.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4 ed. São Paulo: EdUSP: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1996.

GARBUGLIO, José et al. *Graciliano Ramos. Coleção Escritores Brasileiros: Antologia & Estudos*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

LIPPI, Lúcia et al. *Elite intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da revolução de 30*. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Wander. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: EdUSP; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MORAES, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MOTA, Carlos. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

PEREIRA, Lúcia, M. *A leitora e seus personagens: seleta de textos publicados em periódicos (1931-1943), e em livros*. Prefácio: Bernardo de Mendonça; pesquisa bibliográfica, seleção e notas: Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. *Linhas tortas*. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. *Memórias do cárcere*. 44 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. *Viventes das Alagoas*. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Tradução: Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1994.

SCHWARZ, Roberto. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.